



Pearson

Aprendizagem de A a Z



Deficiências
Intelectuais

CARTILHA DE APRENDIZAGEM.

O mundo tem mais de sete bilhões de habitantes e cada um de nós é um ser humano diferente. Este fato é comprovado não apenas pela impressão digital única, mas pelas características individuais de aprendizagem. Quer um exemplo? Duas crianças que receberem a mesma informação, na mesma escola, com os mesmos professores, podem entender o mesmo assunto de maneiras diferentes. A vivência diária, os valores, o apoio emocional dos familiares e, principalmente, as habilidades cognitivas inatas do indivíduo transformam cada um de nós em um ser único com relação à aprendizagem. Nesta cartilha vamos abordar as informações acerca das características específicas de DEFICIÊNCIAS INTELECTUAIS.

Acompanhe com a gente uma verdadeira jornada pelo universo da aprendizagem!



APRENDIZAGEM

VOCÊ JÁ PAROU PARA PENSAR COMO CONSEGUIMOS APRENDER? CADA UM DE NÓS TEM UM JEITO DE APRENDER: TEM GENTE QUE APRENDE RÁPIDO E IMPRESSIONA PELA “FACILIDADE” COM QUE APROVEITA SUAS EXPERIÊNCIAS PARA RESPONDER AOS MAIS DIVERSOS PROBLEMAS DO COTIDIANO. OUTRAS PESSOAS PRECISAM SE “ESFORÇAR” MAIS. ENTÃO, DE ONDE VÊM ESSAS DIFERENÇAS INDIVIDUAIS?

Simplificando, seu jeito de aprender dependerá tanto de habilidades que nasceram com você quanto de habilidades que precisaram ser ensinadas, fazendo com que o valor que a **educação** tem em sua cultura e suas oportunidades de ensino sejam fundamentais para sua **aprendizagem**. O acolhimento e o apoio emocional dos pais/educadores nos primeiros anos de vida também são fundamentais.

Quanto mais a curiosidade própria de cada um é incentivada, melhor! Um conhecimento é mais bem aproveitado quando o educador sabe maximizar as **capacidades individuais**: se uma tarefa é absurdamente difícil, o educando pode se sentir incapaz e desistir. Se uma tarefa é absurdamente fácil, ele também pode não se sentir instigado a se esforçar mais e mais.

- QUANTO MAIS A CURIOSIDADE PRÓPRIA DE CADA UM É INCENTIVADA, MELHOR!

Uma tarefa que desafie o potencial do educando, no “meio do caminho”, seria o mais indicado. É sabido que esse “meio do caminho” é diferente para cada um. Por isso, torna-se um verdadeiro desafio trabalhar em grupos em que os educandos têm um potencial cognitivo e um nível de motivação pessoal para aprender variados.

Uma educação desafiadora num nível médio vai funcionar para a maioria, mas vai ser muito fácil para quem tem habilidades cognitivas elevadas e muito difícil para quem tem dificuldades relacionadas a problemas do neurodesenvolvimento, o que vai impactar diretamente sua motivação e autoeficácia.

Sendo assim, se as mesmas oportunidades de educação são oferecidas para um grupo de estudantes, aqueles com o menor desempenho serão apontados como tendo **difficuldade de aprendizagem**. Já os que têm uma dificuldade muito **acentuada** e que **persiste** ao longo de seu desenvolvimento, apesar de inúmeros esforços para que tenham um desempenho mais próximo do esperado para a sua



idade, escolaridade e aparente capacidade cognitiva geral, são os que provavelmente apresentam um **transtorno de aprendizagem**.

Além da capacidade cognitiva e das oportunidades de aprendizagem (método de ensino, aprendizagem direta pela observação e exemplo das pessoas com quem o educando convive, a importância da educação para a cultura do estudante e consequente incentivo nessa direção, etc.), a motivação individual

tem alto potencial para influenciar o jeito de cada um aprender. Se uma tarefa é muito complexa, muito longa, pouco clara quanto aos seus objetivos e o aluno não entende sua utilidade em curto prazo, fica mais difícil para ele se interessar e aprender. Muitas vezes, o estudante pode ser levado a se esforçar para melhorar seu desempenho mais por medo de tirar notas baixas do que pela vontade de aprender. O reconhecimento de pequenos avanços e a recompensa por eles é

fundamental para que o indivíduo continue se esforçando. Fornecer a cada estudante uma estratégia individual mais adequada para o seu modo particular de aprender pode demandar mais esforço, mas vale a pena para todos.

MUITAS VEZES,
O ESTUDANTE PODE SER
LEVADO A SE ESFORÇAR
PARA MELHORAR SEU
DESEMPENHO MAIS POR
MEDO DE TIRAR NOTAS
BAIXAS DO QUE PELA
VONTADE DE APRENDER.

Um transtorno da aprendizagem pode ser específico, fazendo com que o estudante tenha dificuldade apenas em alguns aspectos particulares do seu funcionamento. Algumas crianças apresentam dificuldade específica de leitura, mas vão bem em matemática e vice-versa. Por isso são chamados transtornos **específicos** de aprendizagem e incluem a dislexia e a discalculia do desenvolvimento. Esses transtornos específicos estão dentro de um grupo mais geral, chamado transtornos do **neurodesenvolvimento**.

Eles são do neurodesenvolvimento porque desde muito cedo afetam a capacidade da criança de ter um desempenho semelhante ao de outras crianças em diversas áreas do cotidiano. Entre os transtornos que causam prejuízos mais **globais** estão o transtorno de déficit de atenção/hiperatividade, o transtorno do espectro autista e as deficiências intelectuais.

Lembre-se de que as crianças aprendem melhor quando são instruídas diretamente sobre o que aprender e quando as expectativas e regras são simples e claras. Métodos que focam muito a intuição para a aprendizagem podem atrapalhar principalmente as crianças com transtornos do neurodesenvolvimento. Essas crianças têm dificuldade para construir e organizar o próprio conhecimento em resposta aos estímulos externos e com base puramente em suas experiências.

TRANSTORNOS ESPECÍFICOS DE APRENDIZAGEM



10 EM CADA 100 PESSOAS EM TODO O MUNDO TÊM UM TRANSTORNO ESPECÍFICO DE APRENDIZAGEM.

OS TRANSTORNOS ESPECÍFICOS DE APRENDIZAGEM SÃO BASTANTE COMPLEXOS EM SUA ORIGEM. POR ORA, BASTA SABER QUE ALGUMAS CRIANÇAS NASCEM COM UMA SENSIBILIDADE GENÉTICA MAIOR AOS ACONTECIMENTOS DO DIA A DIA.

Essa combinação entre vulnerabilidade genética e ambiente pode levar a pequenas alterações no cérebro da criança, ficando, assim, muito mais difícil para ela conseguir aprender conteúdos específicos. É importante dizer que essa dificuldade, para ser específica, não se deve à inteligência da criança, a problemas sensoriais ou emocionais e, claro, não se deve a uma educação inadequada. Vamos conhecer alguns dos transtornos mais comuns da aprendizagem e como podemos ajudar um pouquinho quem os tem. Muitas vezes esses transtornos podem ocorrer juntos, aumentando a necessidade de apoio individual e acolhimento durante o processo de aprendizagem. Vale lembrar: reforce cada pequeno avanço e alimente a autoconfiança da criança!



NEURODESENVOLVIMENTO E INTELIGÊNCIA

Inteligência é uma habilidade humana complexa que nos permite adaptar nossa forma de pensar para resolver problemas ou situações novas. É fundamental para o desempenho em diversos testes, sendo um dos fatores **mais importantes** para a **aprendizagem** por estar fortemente relacionada ao **sucesso escolar**. Sendo uma capacidade bastante **geral**, envolve um conjunto de habilidades, como raciocinar, planejar, resolver problemas, pensar de modo abstrato, compreender ideias complexas, aprender rapidamente e também ser capaz de aprender com a experiência.

A **inteligência** é uma daquelas habilidades altamente herdadas, o que significa que o nível intelectual de cada pessoa é muito parecido com o de seus pais. Mas, por alguma razão que afeta o cérebro, uma pequena parte da população apresenta uma inteligência muito diferente da grande maioria das pessoas: ou muito baixa ou muito alta!

■ DEFICIÊNCIAS INTELECTUAIS

Deficiência intelectual é um transtorno que inclui vários déficits funcionais. Esse transtorno é caracterizado por uma inteligência muito baixa, mas também por dificuldades importantes em outras áreas do funcionamento no cotidiano que levam ao fracasso para atingir padrões de desenvolvimento e socioculturais. Pessoas com deficiência intelectual podem ter dificuldade na comunicação, na socialização, no cuidado pessoal e em sua independência de modo geral.

Quanto menor a capacidade intelectual (Quociente de Inteligência - QI) e menor o desempenho da pessoa em atividades acadêmicas ou que exijam planejamento ou criatividade, bem como quanto maiores as dificuldades de adaptação social e em domínios práticos, como alimentar-se, vestir-se, cuidar da higiene pessoal e menor a independência no dia a dia, mais severa seria a deficiência intelectual. O transtorno ocorre em cerca de uma em cada 100 pessoas, mas os níveis mais graves são mais raros (seis em cada 1.000 pessoas).

Grande parte das pessoas com deficiência intelectual apresenta outra condição médica, como paralisia cerebral, epilepsia, alguma síndrome genética, como a Síndrome de Down ou a Síndrome Velocardiofacial, ou outro transtorno do neurodesenvolvimento, como o TEA e também o TDAH. Entre outras, as principais causas da deficiência intelectual são alterações genéticas, problemas durante a gravidez (alcoolismo, rubéola, drogadição etc.), exposição a doenças como sarampo ou meningite não tratadas, exposição ao chumbo ou ao mercúrio. No entanto, uma boa parte das deficiências intelectuais não tem uma origem clara.

PESSOAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL PODEM TER DIFICULDADE NA COMUNICAÇÃO, NA SOCIALIZAÇÃO, NO CUIDADO PESSOAL E EM SUA INDEPENDÊNCIA DE MODO GERAL.

A deficiência intelectual pode ser leve, moderada, grave ou profunda.

O DIAGNÓSTICO DE DEFICIÊNCIA INTELECTUAL REQUER A AVALIAÇÃO PROFISSIONAL DO NÍVEL INTELECTUAL E DA FUNCIONALIDADE DO INDIVÍDUO.

A deficiência intelectual restringe bastante as capacidades conceituais da criança, portanto, ela apresenta muitas dificuldades: para começar a falar e, quando aprende, fala de uma maneira muito particular e difícil de entender; tem problemas muito perceptíveis de atenção e memória, bem como de desenvolvimento motor; tem dificuldade para aprender e seguir as regras sociais, sendo geralmente muito desinibidas ou inadequadas; muita dificuldade para resolver problemas, principalmente quando são pouco familiares; apresentam atraso no desenvolvimento de habilidades de autocuidado (uso independente do banheiro, preparo espontâneo e sem auxílio de lanches pequenos, a escolha das próprias roupas, vestir-se sozinha, etc.).

As crianças com deficiência intelectual mais leve podem não chamar muita atenção até começarem na escola, mas é possível

perceber que são mais lentas no aprendizado do dia a dia. No nível mais leve, elas podem chegar a aprender habilidades escolares como ler e fazer cálculos como uma criança entre 9 e 12 anos. Quando adultas, as pessoas com deficiência intelectual leve são capazes de aprender a viver com bastante independência e até de manter um emprego. Já as deficiências intelectuais mais graves são bastante perceptíveis e, usualmente, exigem grande suporte em casa, na escola e nos demais ambientes frequentados pela criança.

■ O TRANSTORNO OCORRE EM CERCA DE UMA EM CADA 100 PESSOAS, MAS OS NÍVEIS MAIS GRAVES SÃO MAIS RAROS (SEIS EM CADA 1.000 PESSOAS).

As limitações impostas por um déficit intelectual mais severo acompanham a criança até a vida adulta, e ela, provavelmente, vai precisar de suporte por toda a vida.

COMO AJUDAR UMA CRIANÇA COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL?

Como a deficiência intelectual envolve dificuldades com problemas específicos e gerais de aprendizagem, bem como dificuldades na adaptação social e no autocuidado, todas as dicas anteriores para transtornos do neurodesenvolvimento podem ser úteis.

Crianças com deficiência intelectual aprendem melhor quando as **instruções são claras e curtas**, bem como quando **cada tarefa é dividida em pequenas partes**. Apenas quando um pequeno passo foi alcançado e consolidado (com muita repetição) o próximo é inserido. É muito importante ensinar o estudante de uma forma bem **concreta**, ele precisa mergulhar em seu ambiente de aprendizagem de uma forma bastante **prática** e colocar a mão na massa. Para cada pequeno avanço, dê um **feedback positivo imediato!** Elogie a criança e diga especificamente o que ela conseguiu fazer corretamente e vá trabalhando suas dificuldades. Quase sempre, o uso de **dicas visuais**

e uma **rotina** bem estruturada são passos muito importantes! Aprender em pequenos grupos pode ajudar.

Não se esqueça de que o objetivo pedagógico precisa sempre estar ajustado às **habilidades que a criança tem**, e não ao que seria esperado que ela tivesse para a sua idade. Essas crianças aprendem mais lentamente, então é preciso dar passos de bebê, sempre focando no que é melhor para que a criança seja mais independente em seu cotidiano. Muitas crianças com deficiência intelectual se saem bem em escolas regulares. Contudo, alguns estudantes podem precisar de uma escola especial que os ajude a desenvolver todas as suas habilidades ou, pelo menos, parte delas. Tente algumas dessas dicas:

- Use itens e exemplos concretos para explicar novos conceitos e crie oportunidades para que o aluno pratique o novo conceito de uma forma mais fácil, ou seja, da forma que ele trabalha melhor.
- Deixe claro quais são os comportamentos que você espera da criança na sala de aula: elogie os bons comportamentos, ignore os maus comportamentos que não atrapalham a classe (não reforce dando atenção,

mesmo que negativa). Monte cartazes com figuras do passo a passo da criança, como ela deve se comportar nos diversos momentos em sala de aula (quando o(a) professor(a) ou um colega estiver falando, quando e de que maneira ela deve participar, como pedir ajuda, ter paciência para esperar, como agir no recreio, durante a aula de educação física etc.).

CRIANÇAS COM DEFICIÊNCIA INTELECTUAL APRENDEM MELHOR QUANDO AS INSTRUÇÕES SÃO CLARAS E CURTAS.

- Procure preparar a classe para novas atividades, coloque no quadro as atividades planejadas para a semana e ajude o aluno a acompanhar o que foi feito e quais são os próximos passos.
- Não confunda o aluno com instruções longas ou complexas: dê uma instrução de cada vez.
- Aprenda o máximo que puder sobre como o seu aluno se

comporta, mas não espere que ele aja todos os dias do mesmo jeito. Sempre que possível, dê um objetivo imediato e concreto de determinada atividade, deixe-o motivado para trabalhar, oferecendo, por exemplo, atividades de que ele goste muito logo após um exercício que ele precisa fazer.

- Ajude os pais a prepararem o aluno para novas atividades, antecipe o programa esperado para ele e explique aos pais quais são as habilidades que você espera que sejam alcançadas em cada semana.



- Sempre que possível, use a **tecnologia!** Jogos de computador usualmente têm objetivos claros a serem alcançados em cada fase, são motivadores e fornecem feedback imediato ao estudante!

CRÉDITOS:

Danielle de Souza Costa (Psicóloga)

Leandro Fernandes Malloy-Diniz (Psicólogo)

Débora Marques de Miranda (Pediatra)

Núcleo de Investigação da Impulsividade e da Atenção – NITIDA
da Universidade Federal de Minas Gerais - UFMG

APOIO:



Pearson

REALIZAÇÃO:





Pearson

Conheça as outras cartilhas sobre os transtornos de aprendizagem e faça o download da versão digital gratuitamente:

www.pearsonclinical.com.br/cartilhadeaprendizagem